Jornal da Brasileira

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DE PORTO ALEGRE

Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre V.21 , número 01 . Junho de 2018

Grande Muralha da América - A proposta de construir um muro entre os EUA e o México / Gestão Trump

MUROS

EDITORIAL

Vivemos atualmente o paradoxo de um mundo cada vez mais interconectado, mas que cada vez mais constrói muros separando países, regiões ou bairros. Existem inúmeros exemplos: na foto de capa deste jornal mostramos o projeto do governo americano para reconstruir totalmente o muro que separa os Estados Unidos do México. Em Lima, existe o chamado Muro da Vergonha, que corta os morros da capital peruana, separando favelas de áreas urbanizadas. Existem muros entre India e Paquistão, Georgia e Ossétia do Sul, Coréia do Sul e Coréia do Norte, Índia e Bangladesh, Bulgária e Turquia, separando católicos e protestantes em Belfast/ Irlanda, entre Marrocos e Saara Oriental, selando a parte sul do enclave xiita da cidade de Sadr, em Bagdá. A União Européia ergueu várias cercas que supostamente impedem os refugiados do Oriente Médio e do Norte da África de chegar a um estado membro do sindicato. Dezenas de milhares de pessoas nos últimos anos morreram tentando cruzar o mar Mediterrâneo. Os migrantes não desistem. Eles se desviam, usam rotas migratórias mais longas e perigosas, nas quais a mortalidade é muito maior. Segundo a doutora Élisabeth Vallet, cientista política, pesquisadora e professora da Universidade do Quebec em Montreal/Canadá: *"a parede cristaliza o contraste entre dois espaços: o da segurança e o do risco..., torna-se o meio de responder a uma questão tradicional (pressão migratória) que se tornou uma questão de segurança (ameaça terrorista)."* Mas o sucesso desses novos muros no desenvolvimento de relações amistosas e ordeiras entre as nações permanece obscuro. Exatamente que tipo de segurança está associada às paredes das fronteiras? Segundo as pesquisas de Vallet, alguns muros se concentram em conter ou impedir a passagem de imigrantes. Este é o caso das fronteiras entre: Ceuta, Melilla e Marrocos; Turquemenistão e Uzbequistão; Uzbequistão e Afeganistão; China e Coréia do Norte; Emirados Árabes Unidos e Omã; Brunei e Malásia; Índia e Bangladesh; Grécia e Turquia; Turquia e Síria. Outros enfocam a prevenção do terrorismo ou tráfico (drogas, armas, metais preciosos, seres humanos): Irã e Paquistão; Egito e Gaza; Uzbequistão e Quirguizistão; Israel e Palestina; Brunei e Malásia; Tailândia e Malásia; Arábia Saudita e Iêmen; Iraque e seus vizinhos. Alguns países alegam os dois motivos, como EUA e México, Ásia Central ou fronteiras da Índia. Estudos mostram que, após a queda do Muro de Berlim, o número de muros em todo o mundo permaneceu estagnado. Após o evento de 11 de setembro de 2001, com a queda das Torres Gêmeas, os muros saltaram de 20 a 45 separando países e territórios. A psicanálise propõe outro olhar. Como diz Daniel Widlocher no prefácio inglês do livro: Violência ou Dialogo? Reflexões Psicanalíticas sobre o Terror e o Terrorismo, de Varkin e Volkan: *"um dos frutos da psicanálise para a ética: não só o respeito ao outro, mas a compreensão do processo de desenvolvimento desde a "ansiedade ao estrangeiro" até o que ouso chamar de "amor ao estrangeiro", o investimento libidinal na alteridade radical do outro".* Para Freud, 1919, unheimlich é definido como algo do indivíduo que há muito tempo atrás foi familiar à vida psíquica, mas que se tornou estrangeiro a ela pelo recalcamento. Freud descreve que a palavra heimlich vai desenvolvendo-se no sentido de uma ambivalência até chegar ao seu contrário unheimlich, que de certa forma é uma espécie de heimlich. O duplo no espelho, aquele que se desconhece conhecendo, nasce do narcisismo primário, que domina a vida psíquica da criança e estará ligado ao que Freud chamou de compulsão à repetição, procedente da Pulsão de Morte. Trata-se de repetição não intencional, que aparece como fatalidade demoníaca, por meio de figuras fantásticas que personificam o destino ou a morte. Será este o fenômeno que encontramos no racismo? Enxergamos no outro o estrangeiro de nós mesmos? Aquilo que mais odiamos ou tememos em nós? Caterina Koltai, em "Política e Psicanálise: O Estrangeiro", reflete que o conflito entre Eros e Tanatos atravessa tanto o processo civilizatório quanto o desenvolvimento individual, fazendo com que o estranho que o sujeito quer eliminar se transforme no estrangeiro que precisa ser eliminado socialmente. Possibilitar o debate psicanalítico e interdisciplinar sobre estas questões foi o que motivou a equipe editorial deste jornal a trazer o tema Muros.

Dra. Patrícia Goldfeld
Diretora de Comunicação e Editora do Jornal da Brasileira

Jornal da Brasileira

Editora: Patrícia Rivoire Menelli Goldfeld
Conselho Editorial: Angela Beatriz Schwerz, Antônio Francisco M. Brum, Heloísa Zimmermann
Editoração: Micaela Wünsch
Revisão de português:
Projeto Gráfico: Micaela Wünsch
Bibliotecária: Clarice da Luz Rodrigues
Secretária: Daniela Bonn
Execução gráfca: Editora Evangraf LTDA
Tiragem: 500 exemplares

DIRETORIA
Presidente: Ana Paula Terra Machado
Secretária: Vera Maria H. Pereira de Mello
Tesoureira: Beatriz Saldini Behs
Diretora Científica: Eliane Grass Ferreira Nogueira
Diretora de Comunicação: Patrícia R. Menelli Goldfeld
Diretora de Relações com a Comunidade: Mayra Dornelles Lorenzoni
Diretora do Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP): Christiane Vecchi da Paixão

INSTITUTO DE PSICANÁLISE
Diretora: Ane Marlise Port Rodrigues
Secretária: Augusta Gerchmann
Coordenadora da Subcomissão de Seminários: Silvia Brandão Skowronsky
Coordenadora da Subcomissão de formação: Cynara Cezar Kopittke
Subcomissão da Infância e Adolescência: César Augusto Antunes
Associação de Membros do Instituto: Aline Santos e Silva

Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, fundada em 1992.
Praça dr. Maurício Cardoso, 07 – CEP 90570-010 Porto Alegre –RS-BRASIL Tel./Fax 55 51 3330-3845/ 3333-6857 www.sbpdepa.org.br
Os artigos assinados não refetem necessariamente a opinião da SBPdePA, estando, portanto, sob responsabilidade de seus autores.

PALAVRAS DA PRESIDENTE

Muros nos evocam muitos significados, dentre eles, proteção. Também representam segregação, cerceamento e são formas de separação entre o que uma cultura aceita e aquilo que ela exclui. Sabemos o quanto as muralhas eram características das cidades medievais, e serviam para a defesa frente à invasão inimiga. Esses muros de pedras eram erguidos para preservar uma comunidade e, ao mesmo tempo, signos de poder daqueles que viviam defendidos pelas cidadelas. Hoje, ainda que sigam existindo as fortalezas de concreto, de arame ou mesmo barricadas e a ideia da construção de um muro para conter a imigração esteja na pauta de uma potência mundial, existem os muros invisíveis. Estes podem ser ainda mais fortes do que as fortalezas da idade média, pois sendo mais sub-reptícios, insidiosos, se constroem às custas do medo, da opressão e, desta forma, dissimulam a segregação que eles impõem. A proposta de integração contida na era do mundo globalizado é posta em xeque quando assistimos às manifestações de xenofobia que proliferam e são exercidas em nome da proteção e do amparo de uma grupo ou de uma nação. Como se todas as nações não tivessem sido construídas por colonizadores, oriundos das mais diversas origens, que emigraram de seus países pelos mais diversos motivos. São muros erguidos pelas ideologias e dogmas, pela lógica do pensamento hegemônico, pela aversão ao diferente. As polarizações e sectarismos que observamos no nosso cotidiano atestam essas divisões que ganham proporções sintomáticas de intolerância e intransigência. Estes muros contemporâneos reeditam um maniqueísmo empobrecedor e o estrangeiro é visto como uma ameaça.

A psicanálise tem por vocação acolher o diferente, trabalha para ampliar fronteiras, para que sejam transpostas as barreiras limitadoras da falta de acolhimento à alteridade. Aposta na construção de novas possibilidades e alternativas para a vida individual e do convívio comum. Entende o sujeito como singular, entretanto inserido em uma cultura que lhe faz exigências e, considera as ressonâncias do social sobre a subjetividade. Se o encontro com o outro tem inevitavelmente uma dimensão traumática, esta é intensificada quando os muros construidos pela sociedade atingem até as questões mais íntimas, como as de identidade de gênero, raça, religião e os fluxos migratórios, onde as pessoas, premidas pelas circunstâncias, são compelidas a se integrarem em uma determinada cultura. Nesta perspectiva, a clínica tem se estendido para além dos consultórios. A psicanálise "extramuros" é uma prática crescente no nosso meio, ampliando o espectro de atuação dos psicanalistas. Compreender as redes simbólicas de um grupo, resgatar identidades e, sobretudo, dar voz e oferecer escuta ao sofrimento daqueles que estão apartados pelas barreiras invisíveis de uma segregação, velada ou explícita, diz respeito ao nosso campo de atuação. Trabalhamos para que no lugar onde foram erguidos muros se construam pontes.

Ana Paula Terra Machado
Presidente da SBPdePA - Gestão 2018-2019

MEMORIAL SÉRGIO MESSIAS

Sérgio Dornelles Messias, falecido em 14 de novembro de 2017, foi um dos Membros fundadores da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. Profissional de reconhecida competência, com profundo conhecimento da Psicanálise, em particular, das obras de Freud e Lacan, teve participação importante na formação de vários psicanalistas, tanto como analista, como docente e como supervisor. Afora isso, sempre demonstrou uma dedicação muito grande à literatura, à arte e à música , destacando-se pela sua profunda e consistente cultura geral. Deixa como maior legado o grande amor que sempre dedicou à Psicanálise.

NOME PRÓPRIO?

A escolha dos nomes dados aos filhos quase nunca é aleatória; geralmente se relaciona a um fato de expressivo significado afetivo para os pais. Frequentemente, o nome determina o papel destinado pelos pais ao filho que nasce. Esse papel poderá ser substituir um irmão mais velho que morreu, como o caso de Van Gogh, ou outros familiares falecidos, principalmente avós e tios. Nessa circunstância, a expectativa dos pais é que o recém-nascido substitua o ente querido, estabelecendo-se desde o início um conflito entre o que o indivíduo, é e o que esperam que ele seja. Também é comum que as famílias escolham para os filhos a profissão que deverão exercer ou o cargo que deverão ocupar e, muitas vezes, esse desejo é designado pelo nome. O nome do avô médico pode indicar que a expectativa dos pais é de que o filho venha a se formar em medicina, assim como o nome do pai no primeiro filho homem pode indicar que ele deverá ser o seu substituto na direção da empresa. Os nomes podem simbolizar a união dos pais, reunindo pedaços dos dois nomes, assim como o ovo, na fisiologia, é formado por óvulo e espermatozóide, mas também podem representar a competição dos pais, muitas vezes dificultando a definição sexual da criança. Essa situação é mais evidente quando são dados aos filhos nomes compostos: um feminino e outro masculino. Alguns pais sentem-se profundamente frustrados e deprimidos com o nascimento de um filho do outro sexo, e o meio que o cônjuge encontra para compensá-lo é dar ao filho o seu nome vertido para o feminino ou para o masculino, dependendo do caso. Por essa razão, o nome próprio deve ser considerado uma verdadeira hipocrisia, na medida em que o dono do nome não participa de sua escolha e, ao assumi-lo, torna-se portador de uma mensagem, quando não de um mandato. Paradoxalmente, como resultado de recente decisão do STF, os transgêneros – indivíduos discriminados socialmente por se identificarem com o gênero divergente do sexo anatômico – tornaram-se os primeiros brasileiros a adquirirem o direito de trocar livremente e a qualquer momento o seu nome no registro civil, independentemente da realização de cirurgia de redesignação sexual e sem a necessidade de decisão judicial ou laudos médicos e psicológicos. Não seria o caso de estender esse direito a todas as pessoas, como forma de legitimar o denominado nome próprio?

Dr. Gley Pacheco Costa
Membro Titular, Fundador e Didata da SBPdePA

DOIS CAMINHOS DA PSICANÁLISE?

Os desenvolvimentos da psicanalise que correm na atualidade me fazem considerar dois movimentos aparentemente diversos em interesse e finalidade, gerando dois grupos de psicanalistas de acordo com a opção que fazem. De um lado estão os que se interessam por uma psicanálise, digamos, mais “tradicional” quanto às finalidades: essa investiga a intimidade do encontro entre analista e paciente onde, em consequencia desse intimo encontro, é estimulado, produzido, entre aquele paciente e aquele analista, um conhecimento único, quando espontaneamente e por pura abstração, surgem, por ação de uma forma muito especial de memória, os vínculos desse encontro com as teorias psicanalíticas. Aliás, penso que foi dessa forma, se utilizando de sua intuição genial, que Sigmund Freud criou a psicanálise. De outro lado, aqueles que, considerando as teorias psicanalíticas como coisas prontas e acabadas, dando uma certa força de onipotência a elas com o poder que aparentemente têm as teorias prontas, para serem utilizadas como aplicações da teoria psicanalítica (a conhecida psicanálise aplicada, nem sempre admirada por importantes autores), o que é diferente de fazer psicanálise, promovem um encontro delas com fenômenos, na maioria sociais, dados também como prontos, buscando com isso uma explicação psicanalítica para tais fenômenos. No meu entendimento isso com certeza traz ganhos em popularidade para a psicanálise. Minha dúvida é se tais ganhos são os mesmos em profundidade.

José Luiz F. Petrucci
Membro Titular, Fundador e Didata da SBPdePA

XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE EM CONSTRUÇÃO

Dessa forma o passado, o presente e o futuro são entrelaçados pelo fio do desejo que os une (Freud, 1907).

Nos dias 23 e 24 de março de 2018, em Porto Alegre, ocorreu um evento conjunto com SPPA, SBPdePA e SPPEL que deu inicio às preparatórias para o XXVII Congresso Brasileiro de Psicanálise de 2019: O Estranho – Inconfidências. Nessa ocasião houve a oportunidade de efetuar um intercâmbio de ideias que foram instigadoras e proporcionaram debates calorosos, sobre o familiar e não familiar, num clima que suscitou o nosso desejo de produzir inconfidências. Dessas que visam desconstruir possíveis Weltanschauung (Freud, 1932) – abertura para novas visões – que viabilizem o brotar de confidências termináveis e intermináveis (Freud, 1937). Fenômeno estranhamente desconcertante, que põe em pauta a repetição movida, exclusivamente, pelo prazer. Emergem reflexões sobre a repetição do mesmo, do diferente e do equivalente. Processo gerador de sensações que transcendem os sentimentos, com sua especificidade, diretamente ligado ao processo representacional. Caminhos intrigantes pelos quais a pulsão de morte vem à luz, em 1920 – a assustadora descoberta do humano, somos movidos, igualmente, pela atração da dor e do amor. Nesse sentido Natanael e Olímpia, personagens do conto criativo de Hoffmann, vêm em nosso auxilio, com seu realismo fantástico.

Narrativa geradora de inquietações: a literatura como uma fenda para as profundezas do *Acheronta* (Freud, 1900)? Tradução de um provável trânsito, entre a estética do repulsivo, arrancar os olhos das crianças, e a estética do belo? O além do desejo recalcado clamando por ser escutado? Como as repetições estão implicadas na criação? Essas são algumas questões, entre muitas, que somos solicitados a examinar. Portanto, iniciamos com muito sucesso as nossas jornadas rumo ao XXVII Congresso Brasileiro, na expectativa da construção de um espaço de interações – atrevendo-nos a fazer suas inconfidências – sobre os estranhos caminhos pelos quais nos fazemos sujeitos, inseridos em uma cultura. Permeados por interrogantes, que produzam pensamentos – unidos pelo fio do desejo – comprometidos com as transformações que demandam o nosso tempo: entrelaçando o passado, o presente e lançando um olhar para o futuro.

Ignácio Paim Filho
Diretor Científico da FEBRAPSI e
Membro Titular e Didata da SBPdePA

NOTÍCIAS DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE

No dia 10 de março tivemos a Atividade Inaugural do Instituto de Psicanálise para o primeiro semestre de 2018, com a presença do professor Cláudio Moreno, Mestre e Doutor em Letras, além de escritor. Como estudioso, discorreu sobre a evolução das palavras a partir de seu significado no latim, passando por sua representação para os gregos e para os romanos, através da filosofia e da mitologia.O Professor encerrou sua fala com uma explanação sobre a etmologia das palavras e sobre o Mito de Édipo, em sintonia com a importância que Freud atribuiu ao sujeito civilizado. Também salientou os limites do uso da etmologia. A palavra é nosso maior instrumento de trabalho. Utilizamo-nos da representação da palavra da mesma forma como nos deparamos com seus limites, quando ela não representa toda a verdade, mas revela a subjetividade, através do significado que a ela atribuímos. Na platéia, estavam presentes os Membros do Instituto, sendo apresentados os novos colegas que estão ingressando no Instituto de Psicanálise para Formação Analítica. Além da Direção do Instituto e da Diretoria da SBPdePA, estavam presentes os Membros da Sociedade interessados pelo tema, tão relevante para a prática da psicanálise. No seguimento, a nova Diretoria da AMI/2018-2019 iniciou sua gestão em grande estilo, recepcionando a todos com um ótimo almoço em que homenageou os novos colegas num clima de confraternização e carinho.

O Seminário Aberto na SBPdePA, em março de 2018, nas noites de segunda-feira, contou com a participação do Professor Donaldo Schuler. Com o tema Dialética, Loucura e Ficção, foi estudada a Dialética de Heráclito à Marx. Também as concepções sobre a loucura ao longo da história encerrando-se com a questão sobre a própria loucura de Joyce. O Instituto convida para o Seminário Aberto do mês de Maio, quando contaremos com o Professor Cláudio Moreno, aproximando-nos das Figuras Femininas na Mitologia Grega. As Esposas, as Virgens, as Mães, as Ninfas. O Enigma Eterno.

No dia 20 de março, em Assembleia Geral Ordinária, foi homologada a mudança da frequência de análise para Formação Analítica no Instituto de Psicanálise da SBPdePA (Modelo Eitingon), referendando a decisão do Board da IPA em reuniões de 13 a 15 de janeiro de 2018, na Costa Rica, que passou a ser de no mínimo três sessões semanais. Foram estabelecidas novas regras para a análise condensada em nosso Instituto, sendo a mesma autorizada para postulantes à Formação Analítica ou Membros do Instituto que não residam em Porto Alegre.

Diretoria do Instituto
Diretora: Ane Marlise Port Rodrigues;
Secretária: Augusta Gerchmann
Coordenadora da Comissão de Formação: Cynara Cesar Kopittke;
Coordenadora da Comissão de Seminários: Silvia Brandão Skowronsky;
Coordenador da Comissão de Psicanálise da Infância e Adolescência: César Augusto Antunes;

ASSOCIAÇÃO DE MEMBROS DO INSTITUTO - AMI

Em março deste ano assumiu a nova Diretoria da Associação dos Membros do Instituto da SBPdePA, composta pelas colegas: Aline Santos e Silva (Presidente), Siana Pessin Cerri (Vice-Presidente), Carolina Freitas (Secretária) e Lisa Pellegrini Magalhães (Tesoureira). Após a aula inaugural, foi oferecido um almoço de boas-vindas aos novos Membros que ingressaram no Instituto de Psicanálise neste semestre. Como um dos objetivos desta gestão é agregar cada vez mais os Membros e buscar uma maior participação institucional, foi realizado na primeira Assembleia Geral um bate-papo com a Presidente da SBPdePA, Ana Paula Terra Machado, intitulado de “Fale-me mais sobre isso”. Este formato de atividade será realizado em diferentes momentos buscando aproximar os Membros da Sociedade e do Instituto de forma que possa haver uma interação destes com a história do entrevistado dentro da Sociedade, oferecendo assim, uma oportunidade para pensar os rumos da formação de cada um de nós. No mês de junho, nos dias 29 e 30, será realizado o Simpósio dos Membros do Instituto intitulado “Da Raiz à Folha: Genealogias da Formação”, com temas de livre escolha proporcionando um momento para compartilhar e debater sobre produções, trabalhos e experiências diversas. Todos os Membros doInstituto estão convidados a apresentar suas produções. Acreditamos que a formação do psicanalista, apesar de ser um processo íntimo e individual, se enriquece na vivência de grupo.

Diretoria da AMI

NOTÍCIAS DO NÚCLEO DE INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA - NIA

O NIA iniciou o ano com vários planos de atividades diferentes e já concretizou algumas. Em primeiro lugar, com o intuito de aproximar os Membros da nossa sociedade que trabalham com crianças e adolescentes, organizou-se uma reunião histórica. Quinze membros nas mais diferentes etapas se encontraram para melhorar a sintonia em geral e saíram cheios de orgulho pelo trabalho feito em todos esses anos e com muita energia para seguir em frente. Como atividade regular, foi instituído o "NIA - Café com Prosa", com frequência mensal e destinado a todos os integrantes da Brasileira, espera-se tratar tanto de aspectos teóricos como clínicos num ambiente amigável e informal. Em formato de Jornada, "O dia do NIA" já está organizado. Em 23 de junho, falaremos sobre "O Efeito da Literatura Infantil no Psiquismo da Criança". Contaremos com convidados literatos e colegas fazendo a prata da casa. Para o segundo semestre, já estão em andamento os preparativos para "O dia do NIA na praça", à semelhança do, evento organizado pela Comissão de Relações a com Comunidade, que já está dando o seu apoio. É com alegria e orgulho que damos essas notícias e esperamos contar com a presença e o apoio dos colegas da Brasileira abrilhantando estes eventos!

Heloisa Zimmermann
Membro do Instituto de Psicanálise da SBPdePA

MOVIMENTOS

MUDANÇA DE CATEGORIA

A Sociedade de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA) informa que as Psicanalistas Lisiane Milman Cervo e Renata Viola Vives, Membros Associados, foram empossadas no mês de outubro de 2017 como Membros Titulares. Parabéns pela conquista!

NOVOS MEMBROS DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE

A Sociedade de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA) comunica que Ana Lúcia Ramm Benetti de Figueiredo, Camila de Araújo Reinert, Letícia Dornelles Lacerda, Mayara Crespo Filipini, Miguel Angelo Deitos e Nicole Campagnolo passaram a ser os mais novos Membros do Instituto. Suas formações tiveram início do primeiro semestre de 2018. Desejamos boas-vindas!

FORMATURA

A Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA) comunica que os integrantes do Instituto: Antônio Brum, Bruna Fernandes, Fábio Corsetti, Fábio Martins Pereira, Iran Garayp, Janine Severo, Mara Brum, Nora Helena Steffen, Simone Donicht, e Peter Giovany Martins, finalizaram os seminários teóricos. A formatura aconteceu no dia 08/12/2017, festa de confraternização da SBPdePA

MUROS E LIMITES: IMIGRANTES, REFUGIADOS E AS POROSIDADES DAS FRONTEIRAS EM UMA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA

A Profa. Dra. Denise F. Jardim é antropóloga e professora do Departamento de Antropologia PPGAS/UFRGS, e é autora do Livro Imigrantes ou Refugiados? Tecnologias de Informação e as fronteiras, da editora PACO.

Registrar entradas e saídas de pessoas de um país, localizar seu lugar de residência, dotar sujeitos com documentos e registros que o singularizam consistem na face mais visível da governamentalidade de pessoas. É algo que faz parte de nossas rotinas mais cotidianas e que banalizamos como "da ordem das coisas", as encarando como procedimentos necessários para operacionalizar uma vida complexa e moderna e, muitas vezes, arcando com o pesado ônus de estar de acordo com suas lógicas e constantes exigências de atualizações. Por vezes, esquecemos o quanto as "tecnologias de controle" estão sendo introduzidas em nossas vidas como avanços necessários e suas implicações mais diretas no regramento de nossas vidas. No caso das imigrações, ter ou não acesso a um passaporte parece um fato banal, mas não é inteiramente acessível a todos. Sua utilização prática nos revela um constante reposicionar das fronteiras, ora nas aduanas, ora no próprio acesso a essa tecnologia que regra o controle da circulação internacional de pessoas impondo limites concretos à mobilidade. Então, junto com o avanço das tecnologias há sempre aquelas pessoas que são rapidamente habilitadas a se atualizar e as que "ficam para trás". Um discurso constante nos apresenta a conta dessa necessária atualização de dados, documentos, plataformas para manter e gerir "nosso" modo de vida. Tal discurso que abraça a tecnologia como algo necessário nos revela que algumas pessoas estão mais instrumentalizadas a cruzar fronteiras do que outras, e pouco examinamos em que consistem as materialidades dessas fronteiras e o quanto contribuímos para que tais limites se impusessem como necessários. Por outro lado, deslocar-se não é exatamente uma "livre escolha". Há pressões sociais, conflitos de grandezas diversas vividos localmente que atuam como forças que impulsionam a busca de novas possibilidades de vida. A "necessidade" tampouco pode ser colocada em termos genéricos – motivações econômicas, relativas ao temor sobre sua própria vida e dos seus, conflitos armados? Há sim um conjunto complexo de fatores que devem ser considerados e que podem atuar de modo concomitante, a impulsionar "uma escolha "por cruzar fronteiras e abrir novos caminhos para a vida. Há uma proliferação de imagens que poderiam se sobre por a essa foto que escolhi para falar de experiência imigratória contemporânea e as dificuldades em aceitar as diferenças trazidas pelos forasteiros. A imposição de fronteiras físicas parece já previamente posicionar os sujeitos dessa imagem.

Reprodução: YouTube | Retirado de: https://www.youtube.com/watch?v=B5xnbmhzxc0
Canal 6 | la Sexta Noticias | Publicado em 15 de out de 2014

Os que querem cruzar a fronteira estão "suspensos" no muro e a "ordem" está logo abaixo. Deveriam estar posicionados em um lado preciso do muro? O ambíguo, o que está "em cima do muro" se torna assim algo a ser controlado ou, ao menos, visto como um incômodo. "Estar em cima do muro" no uso corrente sempre foi associado à indecisão, a necessidade de escolher lados, opções excludentes. Se formos olhar pelo lado positivo diríamos na figura de linguagem que, na melhor das hipóteses, o sujeito "tem dúvidas". Nenhuma foto me permitiria falar tão bem das figuras de linguagem e suas ambivalências e ao fato da linguagem precipitar interpretações imediatas que não precisam das vozes dos imigrantes. As imagens são mediadoras potentes de nossos processos de comunicação, ou de intercomunicação. Note-se que os muros das cidades de Celta e Melilla aí retratado e o modo como alguns o atravessam e outros ficam suspensos no muro nos indicam desigualdades geopolíticas.

No norte da África pessoas atravessam os muros por cima ou por baixo, enquanto que para turistas o sul da Europa a fronteira se abre em aduanas controladas, com filas e documentos com alta tecnologia de leituras óticas onde aí sim “se abre la puerta grande”. A experiência imigratória é potente para falarmos das fronteiras e de suas porosidades, para mostrar como as pessoas evidenciam e tencionam seus limites. Como pesquisadora e antropóloga esse é sempre o início, construir uma pergunta de pesquisa que, muitas vezes, já vem imposta pela força das imagens. O cuidado, portanto com a pergunta de pesquisa recai sobre como nos relacionamos com a imagem genérica do imigrante que está em voga? O que as imagens nos induzem a perguntar? Em geral, a antropologia assim como a psicologia está a indagar sobre o impacto e os sentidos dados ao deslocamento como ruptura. O professor Abdelmalek Sayad (1998) escreveu longamente sobre isso em seus trabalhos, chamando a atenção sobre a imigração como uma questão sensível que acompanha toda a vida dos imigrantes. Lembra que toda narrativa imigrante é sempre uma reflexão sobre as rupturas esperadas e inusitadas e, ao mesmo tempo, um balanço pessoal sobre as conexões com as vidas que poderia ter levado (e renunciou) no lugar de origem e a sua ausência interpretada por aqueles que deixou. Na narrativa de um entrevistado de Sayad, Abbas um argelino já em idade avançada e vivendo na França, a imigração é uma “maldição” (Sayad:1997). Para alguns pesquisadores ela é descrita e encontrada como a expressão de um movimento de emancipação. Para uma equatoriana que entrevistei em Madri, a imigração já tinha cumprido seu tempo e era hora de voltar (Jardim: 2017). As imagens não nos dizem muito sobre um vasto campo de reflexões que se abre na vida dos sujeitos que imigram. Mas podemos dizer que o desafio não é, portanto, atravessar a fronteira, mas recompor, reconectar o que a imigração tende a consolidar como distâncias e afastamentos. O muro, portanto, não é somente aquilo que pode denunciar na foto, dois lados, um desafio a ordem, mas algo mais potente - uma incômoda porosidade e dúvida sobre as vidas que poderíamos ter em um ou outro lado das fronteiras e a vida que pode ser levada “entre lugares”. Para os estudos sobre imigrantes e refugiados, um ponto de vista freqüente é o da renúncia e da resiliência mobilizadas para saltar esse muro, ora olhando para trás, ora voltando ao início e saltando novamente outros muros, sejam eles físicos sejam eles desafios emocionais e documentais. Ter papéis em dia é também ter sua existência garantida em um novo lugar. Novamente a imagem que ofereço precisa ser inspecionada de modo menos midiático. Imagem e palavras aqui oferecidas levam a pensar os muros como algo que consegue separar mundos. Mas será mesmo a pura desconexão? U m a das questões importantes para a antropologia é que a imigração não permite mais aos antropólogos trabalhar com mundos que se reconstituem e se replicam iguais em outros lugares. A diáspora, dizia Stuart Hall (2013) não é a mera transposição de algo tradicional que se translada a outro lugar e lá é replantado em termos “parecidos” ao original. Há um novo jogo de forças que, social e individualmente nos implica a perceber que desigualdades estão envolvidas e de que modo essa transposição foi redirecionada. Portanto, se vamos falar sobre pessoas que vivem atravessando fronteiras certamente não é para reiterar a força dos muros e sim para ouvir mais sobre suas capacidades reflexivas e modos de reconstruir suas vidas. Lidar com as diferenças trazidas pelos imigrantes implica escutá-los em sua complexidade, sem exigir simplificações didáticas. Do ponto de vista de uma antropóloga que têm ouvido muitos imigrantes e refugiados, os muros não são o detalhe maior dessa foto.

O que “salta aos olhos” é o momento preciso que o fotógrafo capturou a fila de pessoas sentadas em cima da cerca, aguardando algo que certamente não era o tempo do fotógrafo. Tampouco a ação é somente a do policial subindo por uma corda ao ser captado escalando o muro para perseguí-los. Mas o que “salta aos olhos” é a pergunta: e depois do salto, o que virá?

Dra. Denise F. Jardim
Departamento de Antropólogia - PPGAS/UFRGS

Muros e grades
Engenheiros do Hawaii

Nas grandes cidades do pequeno dia-a-dia
O medo nos leva a tudo, sobretudo a fantasia
Então erguemos muros que nos dão a garantia
De que morreremos cheios de uma vida tão vazia
Então erguemos muros que nos dão a garantia
De que morreremos cheios de uma vida tão vazia

Nas grandes cidades de um país tão violento
Os muros e as grades nos protegem de quase tudo
Mas o quase tudo quase sempre é quase nada
E nada nos protege de uma vida sem sentido
O quase tudo quase sempre é quase nada
E nada nos protege de uma vida sem sentido,

(...)

Nas grandes cidades de um país tão irreal, Os muros e as grades, Nos protegem de nosso próprio mal Levamos uma vida que não nos leva a nada, Levamos muito tempo pra descobrir. Que, não é por aí não é por nada não. Não, não, não pode ser é claro que não é será? (Será?)

(...)

MUROS, XENOFOBIA E RACISMO

Não apenas o progresso da ciência deixou de coincidir com o progresso da humanidade, mas também poderia mesmo disseminar o fim da humanidade, tanto quanto o progresso ulterior da especialização bem pode levar à destruição de tudo o que a tornara válida antes. Em outras palavras, o progresso não mais serve como padrão por meio do qual avaliamos os processos de mudança desastrosamente rápidos que desencadeamos. (p.29).

Hanna Arendt- Sobre a Violência

O mundo contemporâneo assiste a um aumento expressivo de manifestações xenófobas e racistas, dignas da reflexão psicanalítica, iniciada por Freud em seu magnífico estudo Das Unheimlich - O Estranho, de 1919. Destaca ele, nesse artigo, que o termo relaciona-se com o que é assustador, misterioso, sinistro, podendo provocar medo ou terror. Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que "o estranho" provoca em nós sentimentos de estranheza também desperta algo de familiar, de experiências conhecidas próximas ao que nos é conhecido, familiar, portanto "heimlich". O termo xenofobia provém do conceito grego composto por xenos ("estrangeiro") e phobos ("medo"). A xenofobia refere-se ao ódio, ao receio, à hostilidade ou à repulsa aos estrangeiros. A palavra também é usada como extensão à fobia em relação aos grupos étnicos diferentes ou às pessoas cuja fisionomia social, cultural e política são desconhecidas. A xenofobia implica na não aceitação das diferenças, na intolerância ao outro provindo de uma outra cultura, que não a própria do sujeito. Já o racismo é a discriminação social baseada na crença de que há raças inferiores à do sujeito, que se julga superior, utilizando critérios baseados na cor da pele, no grupo étnico, posição social, religião ou grupo político. A questão dos muros sempre acompanhou a história da humanidade. Na idade média eram construídos para proteção das pequenas cidades contra a invasão dos povos bárbaros, como constatamos nas belas cidades medievais da Europa. O próprio imperador romano Adriano fez construir uma enorme muralha na então Britânia, para impedir o ataque dos inimigos, que até hoje pode ser vista no norte da Inglaterra. Ao longo do tempo esta separação entre populações foi se tornando uma maneira de excluir pessoas de distintas características raciais, sociais e religiosas, até acentuar-se consideravelmente nestes últimos séculos. A desigualdade social, por outro lado, aumentou a ocorrência de delitos e as manifestações de violência, a ponto de hoje vivermos cercados pelos muros dos condomínios que afastam os diferentes e visam proteger as comunidades de iguais, mas que acentuam a exclusão e, por vezes, incrementam o medo do outro distinto, criando mecanismos de rechaço ao que não pertence ao clã do grupo conhecido. Narendra Keval, psicanalista da Universidade de Essex e da Clinica Tavistok, na Inglaterra, é especialista em estudos sobre o racismo e problemas étnicos quer nos indivíduos, quer nas organizações e nas sociedades, tratando adolescentes e adultos com distúrbios de personalidade. Em sua obra Estados Racistas da Mente afirma que todos temos um potencial para manifestações racistas e que o ódio racista tanto pode ser descarregado pela agressão direta, como de forma mais sutil através de processos inconscientes ou pela via de enactments, tanto nas nossas relações interpessoais como nas instituições nas quais convivemos. Afirma ele termos três pátrias míticas -mythical homelands: o corpo, o psiquismo e a nação e que o racismo não se origina somente de uma estrutura social externa e nem é um puro fenômeno psíquico, mas uma complexa relação interativa entre o sujeito, seus grupos sociais imediatos e amplos nas instituições onde trabalha ou estuda. O tratamento psicanalítico, por oferecer o setting como forum para expressar seus pensamentos racistas e xenófobos, permite ao paciente manifestar seus temores ao diferente, exorcizar os fantasmas ameaçadores que, no geral, estão presentes no inconsciente de seus grupos familiares com histórico de intrusões, privações e mal-tratos, por vezes de caráter transgeracional. Percebemos, então, uma clara correlação ao que é descrito por Lacan, no estádio do espelho, no qual o eu se constitui na relação com o pequeno outro, o semelhante, o duplo, igual e rival, no eixo a - á, do eixo imaginário. Esse outro semelhante a mim que encontro no espelho funciona como intruso, é percebido como aquele que ameaça e que invade. O que quer ele de mim? Eis porque, o Eu é fundamentalmente paranóico. As ondas migratórias dos refugiados que fogem das guerras no Oriente Médio e na África, que chegam em frágeis botes infláveis aos países da Europa enfrentam, além dos riscos no mar Mediterrâneo, no qual muitos de fato encontram a morte, a exploração de máfias que os roubam, escravizam e matam. Os que chegam vivos encontram muitas vezes a xenofobia e o racismo das populações residentes. No Brasil e em outros países ditos "civilizados" encontramos, de modo mais proeminente no momento, nas redes sociais, nas torcidas de futebol e nas manifestações políticas, as mais variadas formas de intolerância com o outro e expressões

racistas mais violentas. Nas escolas o bullying expressa preconceito e intolerância entre colegas que são discriminados por características físicas, hábitos distintos ou temperamento mais reservado ou tímido. Devemos a Jacques Lacan o acréscimo para o campo da psicanálise da reflexão sobre os muros ao trabalhar, como é visto no esquema L, o conceito de muro da linguagem. E o que seria isto? Diz ele que, no processo de subjetivação, há uma barreira entre os processos imaginários e os simbólicos, que chamou muro de linguagem. Seria necessário ultrapassar o muro de linguagem para evoluir do mundo das imagens, no campo do imaginário, para a aquisição dos símbolos, campo do simbólico, onde o sujeito poderá instalar-se nas palavras, através da relação com o grande Outro portador do significante. Dessa forma a detenção no imaginário, como uma fixação no narcisismo, seria como manter-se alienado no desejo do Outro, base dos mecanismos de formação dos sintomas e dos desvios de caráter. A possibilidade da aquisição simbólica significa, para o sujeito, a libertação das amarras primitivas que impedem a aquisição do próprio desejo, a autonomia de viver e criar na convivência com distintos tipos de culturas, diferentes tipos de pensamento sem sentir-se ameaçado e reagir paranoicamente no convívio com o "diferente de si", no qual projeta seus temores e ódios, passando a temer as retaliações. Sabemos que a aquisição da ética passa pela necessidade da colocação de limites, através da intervenção do terceiro, grande Outro que instala a lei de proibição do incesto e proporciona a criação de símbolos e a estabilização do sujeito segundo as normas do princípio do prazer, permitindo ao infans a alteridade e a aquisição do próprio desejo, abandonando a alienação no imaginário do gozo narcísico, que nada cria. Temos assim dois tipos de muros: muros de exclusão e muros de linguagem. Na clínica psicanalítica trabalhamos no sentido de promover a constituição da subjetividade através da linguagem verbal e pré-verbal, em livre associação, contando com o motor da transferência, que possibilita a descoberta dos traumas e fixações da infância que foram reprimidos, desmentidos ou forcluídos, abrindo novas possibilidades para o sujeito no convívio em sociedade. Por outro lado também as expressões da arte em muros são signos de linguagem como o grafite e os poemas cuja intensão é tornar visível sentimentos e fatos que denunciam a desigualdade e o preconceito, como The Wall do conjunto Pink Floyd: Another brick in the wall – Um outro tijolo no muro.

"All in all it's just another brick in the wall"

Laura Ward da Rosa
Membro Titular e Didata da SBPdePA

CERCA DE GRANDES MUROS QUEM TE SONHAS

Cerca de grandes muros quem te sonhas.
Depois, onde é visível
o jardim através do
portão de grade dada,
Põe quantas flores são
as mais risonhas, Para
que te conheçam só
assim. Onde ninguém
o vir não ponhas nada.

Faze canteiros como
os que outros têm, onde
os olhares possam
entrever o teu jardim
com lho vais mostrar.
Mas onde és teu, e
nunca o vê ninguém,
Deixa as flores que vêm
do chão crescer e deixa
as ervas naturais medrar.

Faze de ti um duplo ser
guardado; E que
ninguém, que veja e fite,
possa saber mais que
um jardim de quem tu
és - um jardim ostensivo
e reservado, Por trás do
qual a flor nativa roça a
erva tão pobre que nem
tu a vês...

Fernando Pessoa, in 'Cancioneiro'

POR UMA PSICANÁLISE DE NÃO SABER

Maio de 2018. Assim inicio este texto. Me pediram para falar sobre Muros. Vou lembrando de outro Maio, o de 1968. O famoso mês, de final 8, que, há 50 anos, mudou a cara do mundo a partir de protestos estudantis na França. Romperam, simbólicamente, muros. Passados 20 anos cai o muro de Berlim, em 1989. E volto pra cá, pra 2018, pro Brasil, pensando em nossos muros, nos muros e no extra-muros da psicanálise que hoje vivemos. Vou lembrando que o número 18, no calendário judaico significa Chai, que significa Vida. E a psicanálise no Brasil esta viva, pensante, dinâmica. Psicanálise onde predominam as perguntas, e não suas respostas . Psicanálise do não saber, e não a certeza do conhecido. Foi-se o tempo em que a psicanálise era aquela do castelo das quatro paredes, do exclusivismo do intra-psíquico e olhos vedados para o afora. O afora da presença do outro na constituição do psiquismo do sujeito, o afora do vínculo subjetivante, o afora do social, o afora das infinitas possibilidades da psicanalise. Infinito, sim. Desde a fundamental ajuda aos nossos pacientes, no intra-muros até o trabalho social de saúde mental preventiva, passando pelas inserções na arte, na educação, na medicina, nos hospitais, nas ruas, etc…, sem perder a sua intrínseca identidade. Nem a Psicanálise nem o psicanalista perdem. Ao contrario: ganhamos. Em expansão, em qualidade, em abrangência, em humanidade. Pensemos em modelos metapsicológicos que se complementam à já clássica e ainda atual metapsicologia freudiana. Refiro-me aos pensamentos e pensadores que extrapolam o intrapsíquico, passando pelo já tão conhecido modelo do intersubjetivo, para chegar nos modelos de um funcionamento mental que inclui o transubjetivo (grupal, social, familiar).

Podemos então, pensar no sujeito como sendo constituído a partir desses 3 espaços psíquicos (René Kaes). Pensemos também em modelos que expandem a subjetivação aos primeiros anos de infância, ao complexo de Édipo e aos objetos internos e às representações. Refiro-me aos autores (Isidoro Berenstein, Janine Puget) que pensam a vincularidade, a relação entre sujeitos e nas famílias, como constitutivos através da presença de um outro. Este outro (específico), e não um outro (inespecífico), promove marcas e se deixa marcar pela presença. Estas presenças, que penetram no “eu “, serão, portanto, promotoras de novas subjetividades ao longo da vida dos sujeitos, enquanto houver permeabilidade ao novo, ao diferente – escapando do narcisismo, que a tudo iguala, e sua contrapartida, a hospitalidade (Derrida). Assim, um novo psiquismo nasce, ou se funda, permanentemente, a partir dos vínculos. Resgatamos, nas ultimas décadas, a importância do traumático, que esteve ocupando lugar de filho bastardo - apesar de com ele ter nascido a psicanálise no final do século XIX - desde a sentença de Freud dizendo que não acreditava mais em sua histéricas. E criou-se assim a fundamental e persistente idéia de fantasia. De mãos dadas ao traumático está o pré-histórico, transgeracional, rodeado de fantasmas (que não são as fantasias) e que partiram do trauma humano social mais importante do sec XX, o Holocausto. Ali, nas manifestações dos sobreviventes dos campos de concentração e campos de extermínio na Europa do pós segunda guerra mundial, rompe-se um novo muro. Desde outra perspectiva, observa-se em nosso entendimento, na clínica psicanalítica, uma nova valorização da pré-história dos sujeitos,

ou seja, a história de seus ancestrais, que tantas e tantas vezes nos surpreende com seu poder radioativo de transmissão psíquica entre gerações. Os segredos e/ou traumas não elaborados nas e das famílias deixam marcas “escondidas”, silenciosas, que “retornam“ nas gerações seguintes. O transgeracional constitui, junto aos demais pontos abordados, expansões recentes do rico e vivo pensamento freudiano. E a psicanálise se vê obrigada a olhar para este novo fenômeno, até então alienado da mesma. Do fenômeno e de seus efeitos no psiquismo daquela e das gerações seguintes. O trauma social permeando o psiquismo. No Brasil, muito recentemente se fala de alguns de nossos traumas sociais: nossos anos de ditadura na década de 1970 e outro mais antigo, a escravidão. Marcadores de várias gerações, etnias escondidas. Somos mestiços, nossa psicanálise é mestiça, fruto de nossa negritude, nossos índios, nossos europeus. Talvez nossa mestiçagem e diversidade seja uma das fontes de nossa criatividade, vitalidade e constante renovação. E aqui estamos, tentando fazer uma psicanálise própria, fora dos muros, no extra-muros, levando nosso saber para o afora. Muito podemos contribuir para o bem estar dos sujeitos, das famílias, dos casais, das populações, na prevenção e na abordagem social bem como com outras áreas do conhecimento humano através das mais diversas intervenções. Parece que saímos de cima do muro.

Ana Rosa Trachtenberg
Membro Titular, Fundador e Didata
da SBPdePA

DIRETORIA CIENTÍFICA "INICIANDO OS TRABALHOS DE 2018 - 1º SEMESTRE"

Estamos navegando em novos tempos, definitivamente. E esta é a marca que a diretoria traz neste novo biênio, a marca de ser a primeira diretoria totalmente composta de membros não fundadores. A Diretoria Científica mudou de Titular, mas continua muito alinhada a esta ideia de acompanhar o que está acontecendo de importante no mundo atual e no mundo psi. Assim que assumimos, veio a notícia da antecipação do Congresso da FEBRAPSI e o lançamento do mesmo em Porto Alegre, nas sedes da SBPdePA e SPPA, em 23 e 24 de março. Percebemos que os Congressos da FEPAL (setembro de 2018 - Transformações e Des-construções) e FEBRAPSI (junho de 2019 - O Estranho: INconfidências), traziam temas muito próximos às ideias que estávamos elaborando e, com o intuito de parceria, tomamos para este ano o estímulo científico de estudar e debater as transformações, des-construções e estranhezas de nossa teoria e prática. Começamos o ano com a reunião que definiria o tema que a SBPdePA levaria a Belo Horizonte junto às federadas. Esta reunião, em si, já foi um avanço. Optamos por chamar os membros a debater e escolher, em vez de levar uma sugestão da diretoria. Tudo isso, aliado à boa parceria com a SPPA para a organização do evento, tornou o lançamento do Congresso da FEBRAPSI uma atividade de sucesso de público e crítica, devido ao elevado teor integrativo e de debate científico de seus convidados (Lores Meller e Ignácio Paim).

O Pré-congresso de Bion, com a coordenação de Beatriz Behs na SBPdePA, no mesmo formato do evento anterior, realizado em 13 e 14 de abril, já teve lotação esgotada com 2 semanas de antecedência. Enfim, inicio de ano com pé direito.

A Roda de Conversa, evento já tradicional na agenda científica, recomeçou dia 26 de abril, com o tema "Transformações: Movimentos em Psicanálise", buscando falar abertamente sobre nosso ofício e seus atuais desdobramentos. Conversar, debater, questionar, é o um fundamento desta atividade, que se realizará mensalmente.

Como novidade, tivemos o inicio de um projeto da Diretoria Científica que visa fomentar, de forma sistemática e contemporânea, a prática clínica. A atividade **"Exercício Clínico"** iniciou dia 18 de maio de 2018. A ideia é, a cada edição, chamar para o debate técnico de alto nível, profissionais experientes que discutam casos de diferentes áreas de atuação (adulto, criança/adolescente, casal e família), sob todos os enfoques teóricos, tomando como parceiros os diversos núcleos da nossa sociedade (CAP, NIA, Vínculos, AMI).

Também vamos continuar com eventos nas sextas-feiras, chamados de **Sexta Científica** e **Sexta Cultural**. No dia 04 de maio, tivemos o primeiro encontro da Sexta Científica, com a apresentação do trabalho pré publicado no congresso da FEPAL "Masoquismo: Destino das Pulsões - Origem do sujeito", com Ana Paula Terra Machado e Ignácio Paim Filho. Em 06 de julho, a Sexta Cultural virá com o tema "Psicanálise e arte". O Simpósio da AMI ocorrerá nos dias 29 e 30 de junho. Teremos muita coisa boa pela frente, sempre com a vontade renovada de tor-armos nossa instituição cada dia mais fortalecida e valorizada no cenário da psicanálise.

A equipe que está à frente destes projetos, desde o planejamento até a sua execução, é a comissão científica, formada por Cibele Fleck, Cláudia Halperin, Fernanda Bortoli e Luciana Schmal. A intenção dessa Diretoria, neste primeiro semestre é implantar movimentos e atividades que toquem diretamente os membros. Teremos um longo e exaustivo trabalho pela frente, mas estamos todos felizes e honrados em ser parte desta engrenagem complexa de produzir psicanálise. Um grande abraço a todos e um grande ano de trabalho!

Eliane Grass Ferreira Nogueira
Diretora Científica da SBPdePA

OS MUROS

"Nas neuroses narcisistas, a resistência é insuperável; no máximo, podemos lançar um olhar por cima desse muro para imaginar o que ocorre no outro lado". (Freud, 1917, p. 385).

"Eles estão do outro lado do muro da linguagem, ali onde, em princípio, não os alcanço jamais. Fundamentalmente, a eles aponto cada vez que pronuncio uma palavra verdadeira, porém sempre alcanço a a', a'', por reflexão. Aponto sempre aos verdadeiros sujeitos, e tenho que me contentar com sombras. O sujeito está separado dos Outros, os verdadeiros, pelo muro da linguagem" (Lacan, 1955, p. 367).

"Entre o homem e a mulher,/ há o amor,/Entre o homem e o amor,/ há um mundo./ Entre o homem e o mundo,/ há um muro". (Antoine Tudal).

Sempre chamam a nossa atenção essas pessoas geniais, fora da curva, como Freud, que pode criar essa belíssima figura quase poética, para não dizer poética, sobre o narcisismo que nos habita. As resistências são insuperáveis, quando estamos frente ao senhor Narciso. Ele coloca um muro entre ele e Eco, que clama por seu amor. E os muros que os homens constroem, como aquele que se pretende construir na fronteira do México com os Estados Unidos? Ou aquele já construído entre o povo judeu e os palestinos? Eles trazem, em seu bojo, as marcas narcísicas? Ou são sistemas protetores legítimos? Por que não? Enfim, os muros! Não esquecer do muro das lamentações, onde expressamos nossos desejos em forma de orações! E aqueles muros construídos sem muros visíveis, mas percebidos, como esse que realizamos diariamente, pela nossa assombrosa e eticamente inaceitável desigualdade social? Ora bolas! Esquece. E esse senhor Lacan, o que pretende nos dizer com "eles estão do outro lado do muro da linguagem"? Seria assim: se não estou com eles, estou fora? Ou ele quererá nos advertir que vivemos entre mal-entendidos? Ah! Isso é possível, sim. Não poderia ser uma evocação, ainda que remota, A torre de Babel? Essa "praga" divina aplicada ao homem que se atrevia a criar outros caminhos para chegar ao reino dos céus, sem passar por ele, Deus. Se foi assim, Deus foi o primeiro intérprete do narcisismo humano. Deixemos tudo isso de lado e chamemos o amor nas palavras do poeta. Está correto quando Tudal diz: "Entre o homem e a mulher, há o amor".

Para isso, foram criados: para que se amassem! "Entre o homem e o amor, há um mundo". Já complicou. Fomos expulsos do paraíso."Entre o homem e o mundo, há um muro". Era só o que faltava! Agora, desestabilizou meu precário juízo sobre os poetas. Na poesia da Maísa, eu diria: "meu mundo caiu". Reunir poetas e psicanalistas é nisso que dá: todos falam de nossa fragilidade, que não deveríamos confundir com o consagrado e significante desamparo. A fragilidade seria uma manifestação sutil de nossa subjetividade, que brinca e joga um jogo delicado na alteridade com o(s) outro(s). Construímos, em algum momento, uma possível dietética entre o muro e a muralha. Atribuímos a esta as funções do Eu Ideal, enquanto que aquele exerceria as funções do Ideal do Eu. Fazíamos essa relação com outra finalidade; porém, agora, a recuperamos para poder sustentar que, se alguém tem poesia para oferecer a esse mundo muito pouco civilizado, esta viria do Ideal do Eu, lugar de intimidade fraterna, enquanto do Eu Ideal nasce a arrogância desmedida e incivilizada, senhora da morte. Tempos duros, com a dissolução dos processos civilizatórios. Cada época, o homem organiza as leis do seu mundo. Século XXI, vamos arregaçar as mangas, esquecer as queixas e sonhar com o passado, fazendo-o melhor – que nunca foi – e gerar primaveras.

Leonardo A. Francischelli
Membro Titular, Fundador e Didata da SBPdePA

NIA, A EXPERIÊNCIA DE TRABALHAR EXTRAMUROS

"Junto à minha rua havia um bosque Que um muro alto proibia Lá todo o balão caía, toda a maçã nascia E o dono do bosque nem via Do lado de lá tanta aventura..."
(Chico Buarque)

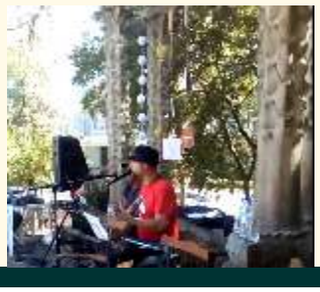
Recebi um convite para representar o NIA nesta edição do Jornal que é sobre Muros. A primeira ideia era que eu usasse o Muro associado a limites na infância e adolescência, porém em nome de uma certa transgressão, e em memória aos joelhos que esfolei nas pedras dos muros que eu escalei, só para ver o outro lado, eu escolhi falar a respeito da importância do trabalho " além do muro", que tem sido feito por nós analistas de infância e adolescência que pertencemos ao NIA da sociedade Brasileira. Como disse Freud, "O contraste da psicologia individual e a Psicologia de grupo... perde grande parte de sua nitidez quando examinado mais de perto. Algo mais está invariavelmente envolvido na vida psíquica do indivíduo de maneira que, desde o começo, a psicologia individual neste sentido ampliado, mas inteiramente justificado das palavras é, ao mesmo tempo, também psicologia social". O Trabalho do Núcleo de infância e adolescência da SBPdePA tem sido marcado, desde o início, pela preocupação em levar o conhecimento psicanalítico para a comunidade em geral. Em nossos primeiros anos de existência, para ser mais exata em janeiro de 2004, encaminhamos um plano de ações ao DPPT (Developing Psychoanalitic Practice and Training) da IPA, o qual busca sustentar economicamente planos que favoreçam a expansão da prática analítica), e para a nossa alegria este foi aprovado. A verba que recebemos da IPA para o projeto nos levou a pensar e criar diversas formas de aproximar a psicanálise de nosso público alvo: pais, crianças, adolescentes, educadores e profissionais ligados a outras áreas da cultura, favorecendo o acesso amplo à comunidade. Montamos eventos culturais em parceria, proporcionando através destas atividades uma maior intimidade com a psicanálise, facilitando o acesso a mesma. Uma das atividades era o Ciclo "Do clássico ao Contemporâneo", realizado bimensalmente no auditório da Livraria Cultura, com a apresentação de um filme de animação infantil, e posterior debate com um psicanalista e um profissional de outra área da cultura (em literatura infanto-juvenil, teatro, cinema). Depois do filme as crianças iam para a recreação enquanto os pais e educadores participavam da discussão com os convidados. O objetivo era alcançar a comunidade, oferecendo um estímulo criativo e acessível para abordar conflitiva pertencentes ao universo psíquico das crianças e adolescentes. Foram dois anos de atividades intensas voltadas para a comunidade, e assim o NIA foi se constituindo, sempre com esta preocupação em difundir a psicanálise para outras áreas do conhecimento e da cultura. Além de levar outras pessoas a conhecer o nosso objeto de estudo, as reuniões com a comunidade geralmente nos permitiram uma troca de conhecimentos. Aprendemos muito com as pessoas, elas aprendem conosco, todos saem transformados, de certa forma sentimos que ali estávamos tentando contribuir para o bem-estar social. Durante estes anos, temos tentado fazer a nossa parte e não nos omitir quando a injustiça e o desamparo saltam aos nossos olhos. Em 2015, na época do caso Bernardo, escrevemos um trabalho sobre o filicídio, que acabou nos levando a conversar com advogados, tentar entender o que aconteceu, e lutar para que não se repita. Em 2016 participamos de uma petição em parceria com uma Defensora Pública e mandamos um trabalho para Brasília, onde através de nosso conhecimento sobre o desenvolvimento infantil tentamos provar que não era adequado diminuir a maioridade penal. Atualmente temos estudado, e levado para discussão aberta ao público, as questões sobre a parentalidade na atualidade. Na área da adolescência debatemos a respeito do suicídio, abuso de drogas e álcool, inúmeros assuntos que desacomodam não apenas a nós, profissionais da área da saúde, mas à sociedade em geral. Hoje podemos dizer que oferecer um espaço onde todos possam escutar e falar sobre essas questões sociais tão inquietantes, tem tido um resultado muito positivo. Penso que poderíamos dar um passo ainda maior, se conseguirmos trazer para nossas atividades mais pessoas de áreas que trabalham com a população carente (como professores de escolas públicas, profissionais que trabalham nos abrigos, etc.). Este ainda é um objetivo a ser alcançado, para que possamos ir mais além dos muros. Ao longo dos anos, vejo que cresce em muitos profissionais esse desejo, de se dedicar a atividades paralelas ou extramuros, além das atividades do consultório, e posso dizer que este trabalho é muito gratificante. O NIA, em seu momento atual, está em fase de expansão, estamos tentando reaproximar e recrutar colegas que possam se juntar a nós, para dar continuidade e fortalecer este trabalho, que pode ter longo alcance e uma capacidade grande de transformação social.

Marlise Sandler Albuquerque
Coordenadora do Núcleo de Infância e Adolescência da SBPdePA

RELAÇÕES COM A COMUNIDADE

A Comissão de Relações com a Comunidade, gestão 2018 /2019, coordenada pala Diretora Mayra Lorenzoni, é composta pelos colegas: Carmen Prado Nogueira, Carolina Freitas, Rafaela Degani e Ramon Castro Reis. No dia 07 de abril inaugurou o Sarau Elétrico & a Brasileira na Praça intitulado "Que seja eterno enquanto mude: A passagem do tempo nas relações humanas", com a participação especial da jornalista Kátia Suman, da escritora Carol Besimon e do poeta Diego Grando. Teve como debatedor o Psicanalista da SBPdePA Celso Gutfreind, e foi coordenado pela Diretora Mayra Lorenzoni. Nossa meta da "Psicanálise extra-muros" foi atingida: psicanalistas e o público (em torno de 180 pessoas) interagiram intensamente, tendo como "pano de fundo" textos literários, filosóficos, poéticos e psicanalíticos sobre a transitoriedade. Reflexões profundas emergiram sobre o valor da escassez do tempo, das situações e das pessoas que se tornam valiosas por seu caráter infinito. Um agradecimento especial ao nosso colega Fábio Corsetti que, com sua banda "Duo Cor7", enriqueceu nosso evento com musicalidade. Nossa próxima atividade ocorrerá em 16 de junho com o tema "Relacionamentos em Tempos de Aplicativos" no café cinema "Black Mirror"- 4ºcapítulo da 4ºtemporada. Após exibição do filme, ocorrerá o debate com a atriz Patsy Cecato e o psicanalista Marco Aurélio Albuquerque, sob coordenação do Ramon Castro Reis, Membro do Instituto de Psicanálise da SBPdePA. Além destas atividades, a Diretoria de Relações com a Comunidade contempla o Projeto Social, coordenado pela colega Sandra Fagundes e que vem desenvolvendo com a sua equipe novas linhas de trabalho como as questões sociais de imigrações e escravidão, além de continuar com o trabalho de discussão de casos com estagiários da rede pública. A Diretoria de Relações com a Comunidade também abrange o Núcleo de Estudantes, coordenado pela colega Denise Zimpek, que é voltado à difusão dos estudos da psicanálise entre os acadêmicos do curso de psicologia. Para difundir a Psicanálise no interior do Estado e divulgar a nossa Sociedade, contamos com os grupos de Erechim, coordenado pela colega Renata Vives e os de Camboriú e Florianópolis, coordenados pela colega Ana Júlia Vargas Menuci. Da mesma forma estamos criando outros grupos de estudos em Santa Cruz.

Mayra Lorenzoni
Diretora de Relações com a Comunidade da SBPdePA



NÚCLEO PSICANALÍTICO DE FLORIANÓPOLIS - NPF

Em 2018 o Núcleo contará com atividades de grupo de estudos em Florianópolis e Balneário Camboriú, com dez membros participantes ativamente e engajados na proposta. No dia 24 de março tivemos uma aula inaugural, em Balneário Camboriú, com a participação da colega Lisia Leite (membro titular da SBPDEPA). Este grupo está trabalhando o tema Sexualidade(s). Aproveito para agradecer a disponibilidade da Lisia, sendo que sua explanação foi muito elogiada pelas alunas,de maneira que na sequência mostraram-se motivadas para seguir os estudos. No dia 09 de abril iniciamos o grupo de estudos em Florianópolis, cujo tema é Psicossexualidade, abordando a feminilidade, masculinidade, gênero e as novas configurações familiares. No primeiro semestre, dia 09 de junho, teremos um **Mini Curso** cuja temática será **A DESTRUTIVIDADE EM TEMPOS DE NARCISO**, tendo o prazer de contar com o psicanalista Ignácio Paim Filho (Membro Titular da SBPdePA e Diretor Científico da FEBRAPSI). A atividade está sendo aguardada por muitos profissionais, alguns que participaram na anterior e pelo êxito e repercussão positiva da mesma. Estaremos em breve anunciando as inscrições e esperamos que interessados entre os colegas possam vir à Florianópolis participar. Serão bem vindos. Ainda no primeiro semestre, dia 23 de junho, estarei participando de uma Jornada Catarinense sobre o Bebê cujo tema é o “Nascer dos Pais”, promovido pelo Instituto Pais Bebê e Serviço de Psicologia da UFSC. Seremos 3 (três) representantes da Psicanálise; Mirta Videla Psicanalista Argentina) ; Nara Amália Caron (Psicanalista da SPPA) e eu, Ana Júlia V. Menuci (Psicanalista da SBPdePA). Espaço em que poderemos estar presente referendando nossa participação no cenário catarinense. Para o segundo semestre estamos organizando uma nova atividade aberta e convidamos os colegas para vir prestigiarem. Agradecemos todo o apoio e atenção por parte da Diretoria da SBPdePA atendendo nossas demandas e ajudando a consolidar a participação da SBPdePA em Santa Catarina. Até a próxima.

Ana Júlia V. Menuci
Coordenadora do Núcleo de Psicanalítico de Florianópolis

Grupo de Estudos de Balneário Camboriú

Grupo de Estudos de Florianópolis

OS FLATOS: FRAGMENTOS DE UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Na poltrona em frente ao analista estava sentado um homem com muitos prejuízos na vida: sem trabalho, sem cônjuge, sem amigos, sem a própria identidade, inclusive. Seus assuntos, se fossem ouvidos sem atenção, seriam considerados triviais: o restaurante que iria naquela semana, levado por um acompanhante terapêutico; o chá gelado que tomaria ao chegar em casa; o sapato que ganhara de presente de aniversário; a camisa manchada que lavara sozinho... E assim, num primeiro momento, pareceram ao analista. Porém, uma inquietude pairava no ar. Algo que parecia não combinar com o que era falado. O analista passou a sentir uma angústia intensa, sem uma motivação clara e, de súbito, teve vontade de perguntar alguma coisa "mais relevante", de dizer que aqueles assuntos não tinham importância, ou mesmo de mandá-lo embora. Mas conseguiu conter sua sensação de inutilidade e seguiu ouvindo. Vieram-lhe à mente situações difíceis, como ter vontade de ir ao banheiro antes de fazer uma prova difícil ou brigar na escola e, depois de alguns segundos flutuando aqui e ali em devaneios, veio-lhe a suposição de que assuntos difíceis, apesar de silenciados, transpareciam no clima de tensão. Que prova seria aquela? A que briga se referia? De repente o homem, inconsciente de tais conjecturas, levantou uma de suas pernas no ar e, com uma expressão de esforço, expeliu um sonoro flato. Após o alívio, comentou inocentemente:

– Este deu o ar de sua graça.

Uma mistura de tristeza, pela ideia de uma criança que se suja sem controle e é repreendida; curiosidade, por identificar a conexão entre suas imaginações e o que acabara de acontecer; e comicidade, ao perceber que algo estava sendo falado "pela boca de baixo" e ainda por cima com um trocadilho para lá de jocoso, ocupou a mente do analista. Que era aquilo, que ao sair com graça revelava, ao mesmo tempo, a desgraça de estar de outra maneira trancado? Depois de uma pausa, outro flato, seguido do comentário:

– Este veio de trás

Sim, aquilo não parecia ser de hoje, e também não de ontem, como o gás proveniente do alimento digerido e do ar deglutido. Poderiam ser coisas antigas, ainda não possíveis de serem pensadas, quanto mais ditas (ainda mal-ditas), mas que já se faziam presentes numa forma muito primitiva, mas real, de comunicação. Onde mais, além de num consultório de psicanálise, tal diálogo seria possível? Quem mais estaria disposto a receber e a tentar entender, com ouvidos atentos, todos os sons que aquele homem, de vida tão silenciada, podia e estava tentando fazer?

Ramon Castro Reis
Membro do Instituto da SBPdePA

CENTRO DE ATENDIMENTO PSICANALITICO - CAP

Os Membros da SBPdePA oferecem atendimento psicanalítico voltado a comunidade que se destina à clínica de adultos, crianças, adolescentes, casais, famílias e pais-bebê, com honorários acessíveis. O Centro de Atendimento Psicanalítico -CAP- tem como propósito oportunizar a experiência analítica àquele que sofre, proporcionando a transformação do sofrimento psíquico, gerador de angústia e mal estar, em algo com o qual o sujeito consiga lidar. A análise proporciona ao analisando um profundo conhecimento sobre si mesmo e, para que seja eficaz, a frequência das sessões semanais é uma das condições importantes do processo. Os interessados em passar pela experiência de análise devem entrar em contato com a secretaria da Sociedade, que encaminhará ao profissional responsável, o qual disponibilizará horários em seu próprio consultório Fones: (51) 33336857 e (51) 33303845.

TÃO SULTIMENTE EM TANTOS BREVES ANOS

LYA LUFT

TÃO SUTILMENTE EM TANTOS BREVES ANOS
FORAM SE TROCANDO SOBRE OS MUROS
MAIS QUE DESIGUALDADES, SEMELHANÇAS,
QUE AOS POUCOS DOIS SÃO UM, SEM QUE NO
ENTANTO DEIXEM DE SER PLURAIS

(Extraído do livro Secreta mirada, Editora Mandarim - São Paulo, 1997, p. 151)